



O COMBATENTE

PEDRO FOYOS

«Meu querido Raul, a nobreza do teu carácter não precisa de testemunhos. A omissão nestas palavras seria grave dano no esquecimento. Anos de luta, anos dedicados à nobilitação do que de humano em gente se encontra, sempre atento ao exemplo dos nossos maiores, dos que foram ao longo dos séculos os denunciadores pela palavra, ou através da palavra, caso do teu interesse pela figura de Damião de Goes — chegou agora a tua vez, vez nobre no caminho difícil de tantas décadas. Foi a coroa de glória que poucos percebem, — não merecem o aviltamento, esse aviltamento mostra a grandeza da tua alma e a projeção

sensível do viver quotidiano de quem à verdade e à retidão tem entregado os melhores dias da sua vida.»

EXCERTO DE UMA CARTA DO ESCRITOR RUBEN A.
DIRIGIDA A RAUL REGO
APÓS O ASSALTO POLÍTICO AO DIÁRIO *REPÚBLICA*
(MAIO 1975)



Raul Rego foi meu diretor em três jornais: dois diários, e o outro tinha data esquiava de saída, com uma produção oficial sujeita às contingências e riscos da clandestinidade (apesar disso, as tiragens suplantavam as dos principais diários portugueses). Nesses esquecidos tempos do Verão Quente de 1975 não era fácil fazer um jornal democrático. Corria-se o País, de tipografia em tipografia, e depois do trabalhinho feito... ó pernas para que vos quero, porque o pecado não podia cometer-se duas vezes no mesmo sítio. Corríamos por muitas razões ou talvez apenas por uma que sumariava as demais: sob o cabeçalho, o primeiro de 25 nomes de jornalistas insubmissos era o de Raul Rego.

Hei-de morrer sem saber qual é o braço que devo levantar

Semanas antes, o fio da história pátria vibrara a ponto de ameaçar quebrar-se por força de um ciclone comunitário na Rua da Misericórdia, em Lisboa. Propagara-se e ressoava, ainda intenso, no País e nos nossos ouvidos: «Socialismo, sim! / Ditadura, não!». «Fechar / o jornal / é traição a Portugal!». «Rego / amigo / o povo está contigo!».

Um mar de gente gritava lá em baixo, na rua. Milhares e milhares a gritarem, queriam que aparecesse-mos às varandas da Redação. Íamos, vacilando na estranheza de uma situação que nenhum de nós tinha vivido até ao momento. O código profissional não pressupõe que jornalistas acenem à multidão. Assomávamos três ou quatro de cada vez, o espaço dos varandins não dava para mais.

Mas a multidão era exigente na presença querida:

«Rego / amigo / o povo está contigo!».

— Doutor Rego, vá, as pessoas querem vê-lo a si. Vá agora. Atenção ao braço!

Ah, o braço do doutor Rego! Havia o rito do punho erguido. A exteriorização gestual socialista diferenciava-se da comunista, mas Raul Rego não atinava: na maioria das vezes erguia o braço errado.

E nós, atrás dele:

— Ó doutor Rego, é o outro braço!... o outro!

Rego voltava-se para nós, atrapalhadíssimo, angustiado:

— Hei-de morrer sem saber qual é o braço que devo levantar. Acham mesmo isso importante?

Marcelo Caetano, leitor privilegiado dos editoriais proibidos

Embora sendo autor de vários livros de teor histórico e político (realço a portentosa *História da República*, em cinco volumes) Raul Rego será lembrado, acima de tudo, como o jornalista que mais intrepidamente combateu a Censura durante a Ditadura, de Salazar a Marcelo Caetano. Quatro décadas de uma luta homérica. Escrevia todos os dias, todos os dias via os seus textos lacerados pelo lápis azul, a menos que estivesse num dos cárceres políticos por onde passou porque nessas circunstâncias não havia estafeta que lhe levasse as palavras aos Serviços de Censura.

Tinha o hábito, nos últimos tempos, de deixar os textos censurados na caixa do correio de Marcelo Caetano. O chefe do Governo era um

dos poucos leitores privilegiados desses editoriais proibidos. O primeiro era o linotipista que os compunha na tipografia; o segundo, naturalmente, o censor que os censurava; por último, Marcelo Caetano, que, depois de jantar, talvez reservasse dois minutos para ler um palmo daquela excelente e inspiradora prosa. De lamentar que, na impaciência da oferenda, o jornalista tivesse cometido o frequente lapso de deixar na caixa do correio os próprios originais provindos da Censura, preciosidades históricas cujo destino terá sido o caixote do lixo.

Se Jesus Cristo fosse transmuntano...

Tinha motivos de sobra para odiar os carcereiros da sua liberdade, mas confidenciava que não conseguia odiá-los. Dizia ter por eles uma compaixão cristã. Raul Rego, antigo seminarista, que cursou Teologia, tornou-se um desabrido anticlerical, abjurara o catolicismo mas não renegava o cristianismo. Certo dia, contudo, após o fecho da edição, numa conversa distendida com os redatores, veio à baila o tema do ódio e o nosso diretor abriu uma exceção na sua indulgência cristã. Havia uma pessoa no mundo que ele odiava deveras. «Um ódio de morte, que Cristo me perdoe!» Perante a curiosidade geral, perguntou:

— O nome Abílio Augusto Pires diz-vos alguma coisa?

Sim senhor, dizia. Pelo menos a dois de nós:

— Quem...? O inspetor da PIDE? Não foi aquele que levou o Mário Soares para o desterro de S. Tomé?

— Sim, esse mesmo. E bem enganou o Mário, que no *Portugal Amordaçado* o apresenta como um pide bonzinho. É uma página vergonhosa que o Mário Soares deveria rasgar do livro.

Mas porquê o ódio para com esse tal Augusto Pires?

Então o nosso diretor contou que durante um interrogatório na polícia política fora esbofeteado por esse inspetor. Já sofrera muitas acrimónias do género, essa doera como nenhuma outra. Não por o

ofensor ser um dos esbirros da PIDE — enfim, isso seria o menos — mas porque era seu conterrâneo. Ficámos a saber, nós, jornalistas do *República*, que para o telúrico Raul Rego a mais execrável das ignomínias era um transmuntano ser esbofeteado por outro transmuntano, sobretudo sabendo este que o agredido estava impedido de um simples meneio de réplica. Não havia perdão, perdão de espécie alguma, fosse humano ou divino, para tamanho ultraje. E justificava o nosso diretor com a erudição de teólogo: se Jesus Cristo fosse transmuntano, também não perdoaria.

Tenho cá uma ideia para o editorial de amanhã...

Um orgulho infantil e terno leva-me a ir somando as ruas do País que têm o nome do meu corajoso diretor. São já uma dezena, ou quase. Uma delas, na Amadora, ascendeu a avenida.

Orgulho infantil? Melhor diria: prosápia de menino, porque menino me vejo no centro de uma roda de gente, alvoroçado, cicerone de circunstância, um dedo espetado para a placa que tem o nome do meu diretor, ao mesmo tempo que me empertigo ao proclamar, solene:

— Foi um dos homens mais íntegros e corajosos que conheci! Que coragem! E que honra, a minha, ter estado ao seu lado em lutas inesquecíveis pela liberdade de expressão! Cometeu erros? Decerto. Procedimentos evitáveis? Com certeza. Um ser humano nunca é perfeito. Tendo oportunidade, um dia bichanar-lhe-ei, como quem não quer a coisa, que ele deveria, na minha opinião, ter ponderado melhor numa ou noutra situação. Porém, nesta grande e festiva avenida do Centenário evitarei as veredas, também a *petite histoire*, embora alguns de nós não esqueçam que Raul Rego protagonizou historietas engraçadíssimas. Não. Esta crónica do Centenário abriu com Ruben A. e com o autor de *O Mundo à Minha Procura* vai encerrar na exaltação de Raul Rego — um homem corajoso, íntegro, combatente a tempo inteiro durante uma vida inteira. «Anos de luta

— escreveu Ruben A. três meses antes de morrer —, dedicados à nobilitação do que de humano em gente se encontra».

Neste passo, é possível, é mesmo muito possível, que levante um pouco a voz para ser bem ouvido:

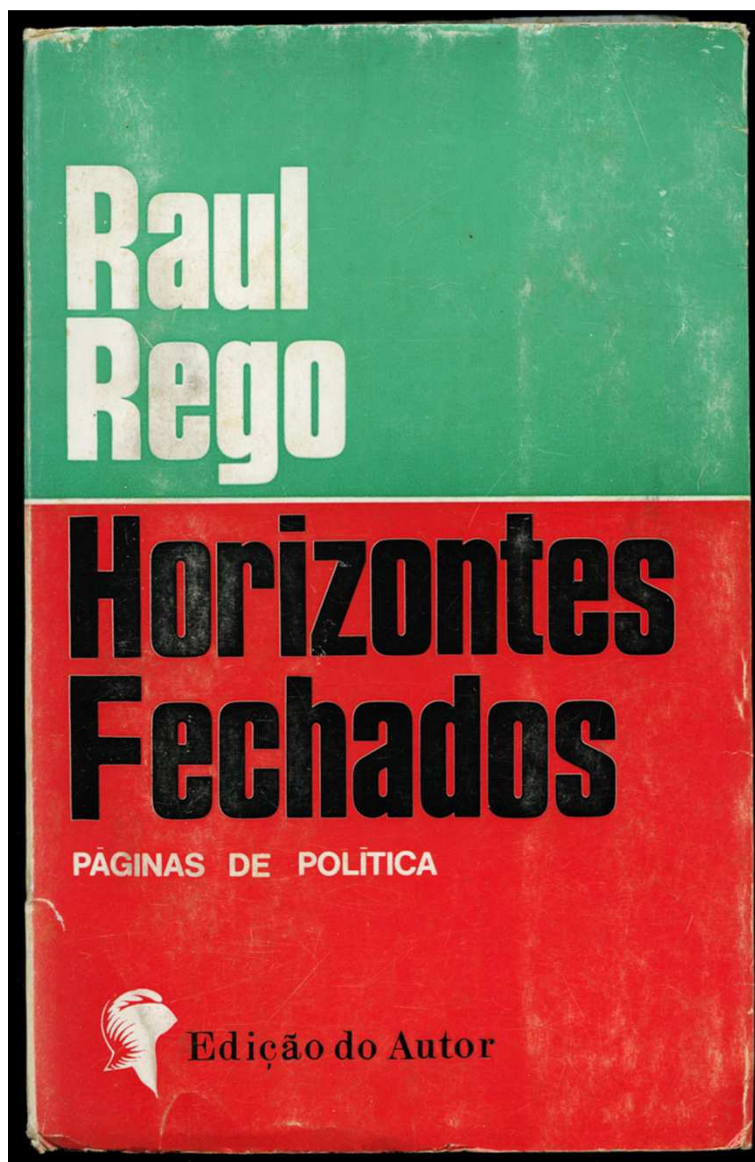
— Antes e depois do 25 de Abril.

Logo se sobrepõe a figura franzina de Raul Rego, sempre um tudonada agitado, retardando, numa ténue gaguez, a articulação das palavras:

— Isso é passado. Agora temos de seguir em frente. Tenho cá uma ideia para o editorial de amanhã... Onde pára a minha pequena máquina de escrever?... Não demoro. Preciso de vinte, trinta minutos... Pode ser?

Na abertura: Raul Rego visto por Henrique Tigo





**PARECER CENSÓRIO SOBRE O LIVRO
HORIZONTES FECHADOS, DE RAUL REGO
PROPONDO A PROIBIÇÃO DO MESMO
(1969 / CONSULADO MARCELISTA)**

«Constitui ou constituiu-se este livro um panfleto de ataque ao Governo, como se infere logo claramente do Prefácio, onde claramente (sic) se estrutura esse plano de ataque.

«Composto, em grande parte, por artigos que tiveram a intervenção da Censura, como confessa o Autor, bastaria isso para o tornar... censurável.

«Mas logo o primeiro capítulo, "A Censura à Imprensa", é uma diatribe desmarcada e solta contra esse serviço oficial, isto é: contra quem o instituiu e legislou, desbocando-se, aqui e além, em frases de apreciação insultuosas ou ridicularizantes para quem exerce a Censura.

«Mais adiante, a meio do livro, vem o capítulo inconveniente, pelos seus expressionismos, "O exílio do Bispo do Porto", e finalmente a última parte, "Primavera Política", que constitui um ataque cerrado, em que a ironia corre parrelhas com a intolerância à actual política nacional, encarnada no Senhor Presidente do Conselho, Dr. Marcelo Caetano.

«Parece-me de proibir um tão descabelado panfleto político».

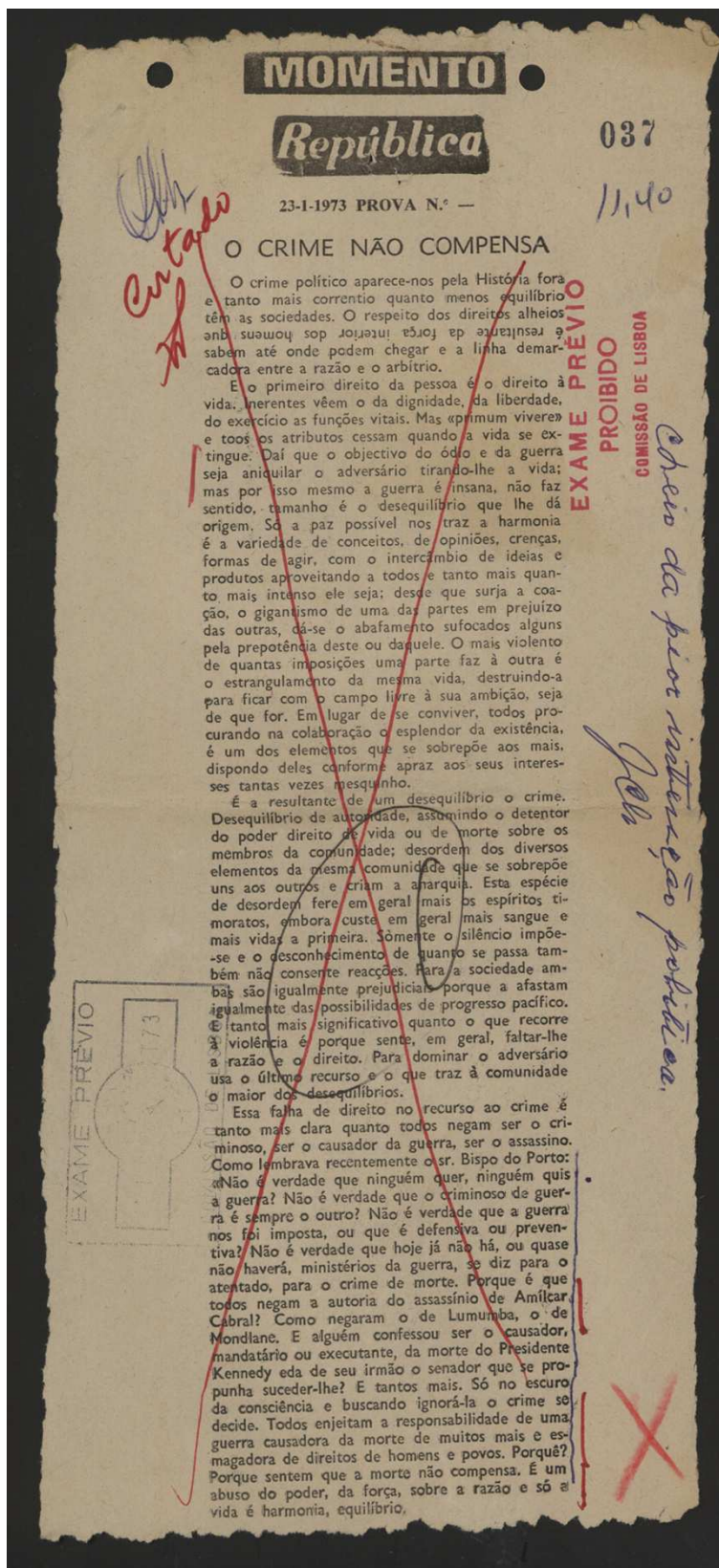
O parecer, com imediato despacho favorável, foi cancelado no ano seguinte (1970) quando Marcelo Caetano começou a propagandear que não havia Censura no país. Alguns livros proibidos beneficiaram deste anúncio, mas na realidade não se observou a mínima alteração nos procedimentos censórios relativamente aos órgãos da comunicação social.

© PEDRO FOYOS | ARQUIVO HISTÓRICO DE IMPRENSA

Nota. Tão logo se concluiu a impressão e acabamento do livro, Raul Rego apressou-se a entregar pessoalmente um exemplar autografado na residência de Marcelo Caetano. Este procedimento de frontalidade e de cortesia foi de imediato objeto de uma minuciosa informação policial de que guardo cópia. Um episódio risível que relatarei noutra ocasião. **PF**



**JUSTIFICAÇÃO MANUSCRITA DE UM CENSOR
PARA SE PROIBIR UM EDITORIAL DE RAUL REGO:
«Cheio da pior intenção política»**



É imenso o acervo de textos de Raul Rego que a Censura golpeou parcialmente ou na totalidade. Ao longo de décadas, raros foram aqueles que permaneceram intocados após a perscrutação exercida, no caso de Raul Rego e de outros autores "problemáticos", por uma elite censória especialmente atenta ao que podia transmitir-se "nas entrelinhas". Por vezes, o censor fundamentava, na prova tipográfica, a "justeza" da proibição. Foi o caso do editorial de Raul Rego aqui reproduzido. Leia-se a nota manuscrita na margem direita.

© PEDRO FOYOS | ARQUIVO HISTÓRICO DE IMPRENSA

FICHA DA PIDE/DGS
Aljube e Caxias na "biografia prisional"
do jornalista Raul Rego

A ficha da PIDE/DGS relativa a Raul Rego e preservada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo regista os períodos de prisão a que foi sujeito o jornalista, nas cadeias do Aljube e de Caxias. Não é mencionada uma primeira prisão em 1945, quando Raul Rego era membro do recém-criado Movimento de Unidade Democrática (MUD). O móbil das reclusões estriba-se sempre numa conhecida frase: «por exercício de actividades contra a segurança do Estado».



Raul da Assunção Pinamenta Rego ou 'Raul Rego'
18-11-61-19051

N.º 24.777

Altura 1,58 m.
Côr Branca
Sinais particulares Tatuagem de facimã
do, no dedo indicador, muito
e outras de não memória
Nacionalidade Portuguesa

Nome e alcunha Raul da Assunção Pinamenta Rego ou
Raul Rego

Estado Canada Profissão Journalista - free press 48

Naturalidade Moraes - Macaço de Canhaço Data do Nascimento 15-4-913

Filiação Manuel José Rego e Vitória da Purificação Pinamenta Rego
Residência R. Conde de Ficalha, 22 - Lisboa

Outras indicações

Proc. 1.025/61 - 1.º Div.

Número do processo de valores ou documentos apendidos
Reg. 1.063/61 - 1.º Div.
Reg. 17.052

BIOGRAFIA PRISIONAL

Preso por esta Direcção em 18-11-61, por denuncia de actividades contra a
segurança do Estado, tendo recolhido a cadeia do 1.º Julho (2.5.724/951)
Restituído a liberdade em 16-12-61, mediante caução (25.383/
Preso pela Direcção em 9-9-65, por actividades
contra a segurança do Estado, tendo recolhido a cadeia do
de Fugas de taxis: P.S. 218/65. Reg. 3309/65 - Proc. 1836/65.
Solta em 21-9-65 P.S. 269/65.
Preso pela Direcção em 11-5-68 por actividades contra a
segurança do Estado, tendo recolhido a cadeia do
de Fugas de taxis: P.S. 135/68. Reg. 1054/68. Proc. 759/68. Solto em 18-5-68 P.S. 151/68.



Raul da Assunção Pinamenta Rego ou Raul Rego 10-9-65
2218



NOVO ESPAÇO EDITORIAL
EM HOMENAGEM A RAUL REGO

Gratamente informamos que Pedro Foyos inaugurará neste sítio no dia 15 de abril (data exata do centenário de Raul Rego) um novo espaço editorial intitulado **O CASO DO JORNAL ASSALTADO** com revelações e evocações de episódios que ficaram historicamente inventariados sob o nome de **O CASO "REPÚBLICA"** (diário de que Raul Rego era diretor em 1975).